A IGREJA COMO SINAL DE ESPERANÇA PARA A HUMANIDADE NO PENSAMENTO PANNENBERGUIANO

Andriê Luiz Felipe[*]

Esta comunicação, na área teológica, estuda a Igreja como corpo vivo e atuante de Jesus Cristo, e, tendo como inspiração a teologia de Wolfhart Pannenberg, vendo-a como sinal de esperança presente e futura. O objetivo é investigar a Igreja e sua responsabilidade como sinal do reino de Deus, conteúdo da esperança no presente e no futuro da humanidade. O método é considerar as igrejas em suas diversas ramificações e denominações, valorizando aquilo que as une. Isso não significa dizer que deverão ser suprimidas as diferenças, pelo contrário, o respeito deve ser a base da interação entre as diversas igrejas. A ação conjunta, coerente e realista das igrejas, com o propósito de responder aos anseios mais urgentes da humanidade, proporciona que todos vejam a Igreja como sinal de esperança. Conclui-se que na atualidade pensar a Igreja como sinal de esperança é imprescindível, para que a humanidade tenha clareza do papel e da responsabilidade dos cristãos na Igreja. A esperança não é simples aceitação do que está por vir, mas algo imprevisível e que não pode ser intuído; é a esperança nascida do inesperado, que surge quando nada mais pode ser esperado, ou quando desaparecem as razões humanas para se continuar esperando.
Palavras-chaves: Igreja. Jesus Cristo. Esperança. Humanidade. Wolfhart Pannenberg.

This Communication, in the area of theology, studying the church as the body alive and active in Jesus Christ, and, taking as inspiration the theology of Wolfhart Pannenberg, seeing it as a sign of hope to present and future. The objective is to investigate the Church and its responsibility as a sign of the kingdom of God, content of hope in the present and the future of humanity. The method is to consider the churches in its various branches and denominations, valuing what unites them. This does not mean that they should be deleted from the differences, on the other hand, respect must be the basis of the interaction between the various churches. The joint action, consistent and realistic of the churches, with the purpose of responding to the anxieties over the urgent need of humanity, provides that

[*] Mestrando em Teologia Sistemática pelo Programa de Pós-graduação em Teologia na PUC Rio. Bolsista CAPES. Andriecristao@gmail.com.

everyone see the Church as a sign of hope. It is concluded that in actuality thinking the Church as a sign of hope is essential, so that humanity might have clarity of the role and responsibility of Christians in the Church. The hope is not mere acceptance of what is to come, but something unpredictable and which cannot be intuited; it is the hope born of the unexpected, which arises when nothing more can be expected, or when they disappear the human reasons to continue waiting.

Key words: Church. Jesus Christ. Hope. Humanity. Wolfhart Pannenberg.

Introdução

Na atualidade pensar a Igreja como sinal de esperança se faz imprescindível, a fim de que a humanidade tenha clareza do papel e da responsabilidade dos cristãos que compõe a Igreja. Para esse entendimento, será preciso compreender a Igreja como corpo vivo e atuante de Cristo, assim como, a Igreja como sinal de esperança no presente e no futuro, tendo como inspiração a teologia de Wolfhart Pannenberg.

1 A Igreja: corpo vivo e atuante de Cristo

> Por que a Igreja teria medo de sair de si mesma para ir se juntar à ação dos homens? Deus, o Deus que age, salvador e libertador de Jesus Cristo, não se encontrará na ação dos homens? Não terá aí seu lugar natural? Indo ao encontro da ação, a Igreja redescobre sua origem e seu lugar normal: procede de Deus e é chamada a participar da ação de seu Deus como instrumento disponível e fiel (COMBLIN, 1982, p. 15).

Pensar sobre a igreja inevitavelmente nos leva a pensar na Trindade, isto porque a "igreja provém da Trindade, é estruturada à imagem da Trindade e ruma para o acabamento trinitário da história" (FORTE, 2005, p. 9).

Deste modo, a igreja está fundamentada no agir da Trindade, posto que é "um agir do Filho em obediência ao Pai, e a glorificação de ambos na consumação de sua obra por meio do Espírito" (PANNENBERG, 2009, p. 25).

Esse agir da Trindade na e por meio da igreja presente no mundo visa "reconhecer em Jesus de Nazaré o eterno Filho do Pai e movendo seus corações para enaltecer a Deus mediante fé, amor e esperança" (PANNENBERG, 2009, p. 25). Esse agir está diretamente ligado a ideia de movimento, ou seja, algo vivo que está constantemente caminhando. Esse caminho é explicitamente associado a Jesus nos evangelhos, no qual é padrão e modelo de vida (Cf. GUTIERREZ, 2000, pp. 47-111).

Nesse sentido, a igreja é composta por pessoas que reconhecem Jesus Cristo como enviado por Deus para uma morte salvífica em prol da humanidade, e são fortalecidas e vivificadas, diariamente, pela ação do Espírito; bem como, devem ser batizadas.

Isso nos mostra a perspectiva correta que devemos ter da igreja: "um lugar do encontro entre a iniciativa divina e a obra humana" (FORTE, 2005, p. 17). E assim, o objetivo desse encontro, que tem a iniciativa da Trindade, "é a elevação dos homens à participação na vida divina, na comunhão da Trindade" (FORTE, 2005, p. 19).

> São capazes de impedir o mundo de invadir a igreja, mas também impedem a igreja de invadir o mundo. Talvez insistam em que só se pregue a pura palavra de Deus em seus púlpitos, mas deixam de proclamar o verdadeiro Evangelho para os perdidos. Podem edificar na fé os salvos. Orgulhando-se de sua ortodoxia, vivem atormentados pela mania da ortodoxia. Se não despertarem e não derem ouvidos ao som do clarim do Rei da igreja mandando que proclamem o Evangelho aos de fora, mais cedo ou mais tarde estarão dormindo o sono da morte" (KUIPER, 1976, p. 41 *apud* CARRIKER, 2000, P. 51).

Ao pensarmos sobre a missão da igreja, inevitavelmente pensamos no seu papel no mundo, dito com outras palavras, a função que a igreja exerce no contexto do qual está inserida. Isso é pertinente, pois como um organismo vivo, a Igreja precisa dar frutos, e esses frutos devem alimentar e gerar vida. Dar fruto é uma exigência essencial da vida cristã, ou seja, daqueles que compõe a igreja (Cf. Jo 15, 1-8; Christifideles Laici, nº 8). Ao analisarmos a vida e o ministério de Jesus, vemos que os Evangelhos relatam a irrupção do reino de Deus por meio da vida e obra realizada por Jesus.

A partir dessa perspectiva, Pannenberg historiciza a relação entre a parte e o todo, e elabora uma ontologia histórica da singularidade como prolepse da totalidade, ou seja, o evento histórico Jesus Cristo como revelação histórica e antecipação do reinado vindouro do único Deus (ACCORDINI, 2006, p 13).

A vida eclesial de cada cristão, que no seu conjunto expressa a realidade dos cristãos em geral, deve ser considerada, por isso, a partir da experiência de communio. É nessa experiência de comunhão dos cristãos, que a igreja se torna sinal da salvação escatológica, onde se pode experimentar, previamente, a comunhão em liberdade, justiça e paz do reinado vindouro do único Deus.

Isto porque, cada cristão tem a responsabilidade de revelar o reino de Deus; a "igreja é chamada ao testemunho missionário perante o mundo, não podendo ser um 'fim em si mesmo'" (PANNENBERG, 2009, p. 82).

Nesse sentido, a missão da Igreja e dos cristãos é participar da missão de Deus: testemunhar da vida e obra de Jesus Cristo a todos, a fim de atender a todas as necessidades do homem. Já que "a igreja não existe para satisfazer as demandas dos crentes consumidores; ela existe para equipar e mobilizar homens e mulheres para a missão de Deus no mundo" (PADILLA, 2009, p. 19).

2 A Igreja: a esperança da humanidade no presente e no futuro

A Igreja tem o "objetivo de responder ao desafio de uma fé que pretende ser ao mesmo tempo bíblica e contextual, presente e futura, individual e coletiva, eclesial e social" (STUERNAGEL, 1991 *apud* DIDAQUÊ, 2001, p. 4). Com isso, podemos dizer que na igreja ocorre um evento presente e a sinalização de um evento futuro. O evento presente se estabelece a partir da comunhão das pessoas com Deus e entre si, e esta mesma comunhão se consumará no futuro, ou seja, na glória.

Pannenberg diz que a "igreja existe como comunhão dos que crêem, porque nela chega à concretização histórica a união dos diversos fiéis para a comunhão do corpo de Cristo" (PANNENBERG, 2009, p. 575). Deste modo, a "igreja não é absolutamente nada fora de sua função como congregação escatológica e, portanto, como sinal de antecipação do senhorio vindouro de Deus e de sua salvação para a humanidade" (PANNENBERG, 2009, p. 64).

Sendo a igreja um lugar de comunhão, naturalmente, nela se estabelece o serviço, a fim de que um seja responsável pelo outro. Posto isso, entendemos que a igreja "não existe senão em função do mundo, como serviço a todos os homens" (COMBLIN, 1982, p. 14). Pois, "a igreja não se acha mais centrada em si mesma. Acha-se centrada na ação dos homens" (COMBLIN, 1982, p. 15) em favor da humanidade, assim como a ação salvífica de Deus.

Esse agir dos homens em favor da humanidade só é possível pela ação do Espírito na vida desses homens. Espírito que sustenta, impulsiona, direciona, conduz, fortalece e vivifica. A "atuação do Espírito de Deus em sua igreja e nos crentes serve à consumação de sua atuação no mundo" (PANNENBERG, 2009, p. 26).

Deste modo, "como corpo de Cristo a igreja é parte integrante do mistério da salvação manifesto em Jesus Cristo, parte integrante do plano da salvação de Deus para a humanidade" (PANNENBERG, 2009, p. 576).

Diferente das outras instituições presentes no mundo, a igreja se caracteriza por sua constituição e sua existência na Trindade. A sobrevivência da igreja, nesse sentido, está ligada ao modo de ser da Trindade, qual seja, "esvaziando-se de si mesma, renunciando a si mesma para servir aos homens" (COMBLIN, 1982, p. 17).

Concordamos com Dianich e Noceti (2007, p. 45) quando diz que "um cristão é definido antes de tudo pela 'identidade cristã', como a união com Cristo, fundada sobre o dom do batismo, vivida na fé trinitária, alimentada pela palavra de Deus".

Deste modo, a Igreja é um sujeito coletivo composto por uma pluralidade de sujeitos individuais. Em que cada igreja, em um contexto geral das igrejas, expressa uma forma de liturgia e de organização de suas relações internas.

Pensemos por exemplo nos diferentes contextos histórico, social e cultural onde se inserem essas igrejas. Em cada realidade a igreja pode mudar sua estrutura nos processos internos, nos papéis dos sujeitos sociais, nas funções (clérigos e leigos), inserção e influência na sociedade, dentre outros aspectos.

Na esteira dessa caracterização, temos que nos atentar para a unidade, a universalidade e a igualdade entre as pessoas que compõe esta igreja. A unidade daqueles que professam a fé em Cristo, a universalidade vista nos diferentes grupos sociais e eclesiais, e a igualdade entre os mesmos, sabendo que, embora haja distinção de sexo, função, etnia e lugar, todos são iguais em importância na participação da vida Igreja (Cf. Lumen Gentium, nº 9; DIANICH e NOCETI, 2007, p. 84). A fim de que se realize "o desígnio de unidade na variedade dos homens e dos povos" (FORTE, 2005, p. 46).

Essa perspectiva está de acordo com os evangelhos que nos ensinam acerca da unidade entre o Pai e o Filho. Unidade essa estendida ao Espírito Santo e, por conseguinte, a sua Igreja. Desta maneira, "o Pai e Jesus são uma só coisa, e os crentes são chamados a participar dessa unidade, Jo 30,10; 17,21ss" (LADARIA, 2015, p. 62).

Friedrich Karl Otto Dibelius declarou que: "o século 20 é o século da Igreja", em sua obra "Das Jarhrhundert der Kirche" (O século da Igreja), de acordo com Forte (2005, p. 13), afirmando que foi um século, dentre outros acontecimentos, no qual se deu um profícuo diálogo ecumênico, sobretudo nos temas de soteriologia, eclesiologia e antropologia (DIANICH e NOCETI, 2007, p. 63; CONGAR, 1976).

Diálogo esse que visa promover a aproximação dessas igrejas, a fim de atuarem em conjunto para a erradicação das injustiças e do sofrimento de grande parte da população mundial. Resistência diante de uma realidade funesta que se impõe diariamente. Numa lógica de esperança de que é possível haver mudanças, a favor da garantia de melhoria das condições de vida, ou seja, por mais dignidade humana (PIAZZA, 2004, pp. 57-64).

Um recorte dessa realidade, para entendermos como isso acontece de maneira concreta, pode ser visto no texto do manifesto *A Hora da Verdade*, que é um documento de um grupo de cristãos palestinos denominado Kairos Palestine, que visa expor uma mensagem de esperança, como está a situação dos palestinos e de seu território diante da ocupação israelense.

A esperança, deste modo, ganha um contorno todo especial. Ela promove a resistência necessária para rejeitar a injustiça, os excessos e as perversões sofridas pelos palestinos. É a esperança na superação e na transformação da realidade posta, dos limites do tempo presente e provisório para a participação na vida de Jesus Cristo crucificado e ressurreto.

Se a Igreja é a comunhão daqueles que compartilham a fé em Jesus Cristo, que são chamados a intervir na realidade por meio do cuidado com o outro e com o mundo, então a promoção do diálogo inter-religioso, a postura profética e de serviço das igrejas são maneiras de propagar a esperança para a mudança da realidade dos palestinos. Nesse sentido, a missão da Igreja é ser um sinal do reino de Deus, conteúdo da esperança no presente e também no futuro da humanidade (Cf. PANNENBERG, 1991; 1974, p. 42; Lumen Gentium, nº 9; PIAZZA, 2004).

Conclusão

Para Pannenberg o povo de Deus é "a comunhão dos humanos a que visa a eterna eleição de Deus" (PANNENBERG, 2009, p. 613); o que configura a reunião das pessoas que constituem a igreja. Posto que, "a ideia da aliança possui como correlata a do povo de Deus, com o qual é celebrada a aliança e que é constituído por meio da aliança" (PANNENBERG, 2009, p. 616).

Esta aliança que foi estabelecida no Antigo Testamente entre Deus e o povo judeu, em Jesus Cristo esta aliança foi estendida para toda a humanidade. Com isso, "a unificação e o envio do povo escatológico de Deus formado a partir de todos os povos se processa na história rumo à destinação escatológica da humanidade para a comunhão com Deus" (PANNENBERG, 2009, p. 621).

Sob esta perspectiva, e de todo o percurso que desenvolvemos neste trabalho acerca da Igreja, podemos aferir que todos aqueles que compõe a igreja, também chamados de cristãos, são a "manifestação provisória e antecipação em forma de sinal do povo escatológico da aliança formado dentre todas as nações". Sendo assim, "o conceito de povo de Deus não conhece o plural" (PANNENBERG, 2009, p. 631).

Com esse entendimento, podemos dizer que a ação dos homens, enquanto povo de Deus que constitui a igreja, tem seu objetivo alcançado a partir da perspectiva voltada para um objetivo futuro, que é a consumação do reinado do único Deus, com abrangência para toda a humanidade. Deste modo, cabe aos cristãos contribuir para o cumprimento da missão da igreja, ser sinal de esperança para toda a humanidade.

Referências

ACCORDINI, Giuseppe. Wolfhart Pannenberg. Coleção Teólogos do Século XX. São Paulo: Loyola, 2006.

COMBLIN, J. O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a História. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONGAR, Y. Eclesiologia: desde San Agustín hasta nuestros días. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976.

DIANICH, S. / NOCETI, S. Tratado sobre a Igreja. Aparecida: Santuário, 2007.

FORTE, B. A Igreja. Ícone da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

GUTIERREZ, G. Beber em seu próprio poço. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo, Loyola, 2000.

JOAO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici. Sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo. 30 de Dezembro de 1988. In: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html. Pesquisado em 08 de jul. de 2015.

KASPER, W. A Igreja Católica: Essência, realidade, missão. São Leopoldo, Unisinos, 2012.

KUIPER, R. B. Evangelização Teocêntrica. Título original: God-Centered Evangelism, Grand Rapids, 1961. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1976. In:

CARRIKER, T. O caminho missionário de Deus. Uma Teologia Bíblica de Missões. São Paulo: Editora Sepal, 2000.

LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2015.

Movimento Kairós Palestina. Manifesto. A hora da verdade: do centro do sofrimento palestino, uma mensagem de fé, esperança e amor. Disponível em: <http://cebi.org.br/noticias/0e9e8be810158d7c36efe024bf25e451.pdf>. Acesso em 13 de mar. de 2016.

PANNENBERG, W. Teologia sistemática, vol. 3. São Paulo: Academia Cristã; Paulinas, 2009.

___ . The Presente and Future Church. Revista First Thing, 1991.

___ . Teologia y reino de Dios. Sígueme: Salamanca, 1974.

PADILLA, R. C. O. que é missão integral? Viçosa: Ultimato, 2009.

PIAZZA, O. F. A esperança: a lógica do impossível. São Paulo: Paulinas, 2004.

REVISTA DIDAQUÊ. A missão da Igreja. Uma abordagem na perspectiva do Pacto de Lausanne. Minas Gerais: Editora Betânia, 2001.

STUERNAGEL, V. A Igreja Rumo ao Ano 2000. Rio de Janeiro: Missão Editora, 1991. In: DIDAQUÊ. A missão da Igreja. Uma abordagem na perspectiva do Pacto de Lausanne. Minas Gerais: Editora Betânia, 2001.